

# Quando se aproximam as eleições, a campanha é mais agressiva

Não cumprir promessas eleitorais não implica sanções, diz investigador italiano. As novas circunstâncias levam a novos temas

**Nuno Ribeiro**

Quando se aproximam as eleições, a campanha é mais negativa e agressiva. Esta é uma das certezas do investigador italiano Luigi Castelli, do centro de Neurociências Cognitivas da Universidade de Pádua, um perito que tem estudado campanhas eleitorais e assessorado forças políticas em Itália.

“O motivo por que, como psicólogo, me interessam as campanhas negativas é o facto de a literatura da Ciência Política não ter conseguido ainda dar uma resposta definitiva sobre a sua utilidade”, diz Luigi Castelli ao PÚBLICO. Até porque, sublinha, o candidato [político] que usa mensagens negativas é pior avaliado. O psicólogo italiano está em Lisboa, onde ontem proferiu uma conferência no ISPA.

“Os eleitores não gostam dos políticos que atacam os outros, mas a verdade é que isto não inviabiliza as campanhas negativas”, prossegue. A manutenção da agressividade está

à margem de considerações políticas. Entra na esfera da psicologia, da “ponta do icebergue” comportamental dos cidadãos, como o perito italiano classifica a situação.

“A agressividade pode ser encarada [pelo eleitor] como capacidade de acção, autoridade e, na prática, quando um candidato é mais agressivo, a tendência é segui-lo”, destaca. Isso configura um insuspeito nível de esquizofrenia. O cidadão despreza as campanhas negativas, mas é sensível aos seus efeitos, devido ao elevado nível de agressividade que encerram.

“Deste modo”, avalia Luigi Castelli, “se o político tem de ser um manipulador, o decisivo é como ele aparece aos olhos dos eleitores.” Um exemplo ajuda a situar a questão. “Ronald Reagan não sabia nada de política, mas era o candidato presidencial ideal, pois era muito bom na construção da sua representação, não por acaso era actor”, refere.

O comportamento não é a única peça deste autêntico puzzle. “Há estudos que demonstram que os

traços fisionómicos de um político são importantes para a forma como o eleitorado o encara”, enuncia. “Candidatos com traços fisionómicos associados aos conceitos de força e competência têm grandes probabilidades de vencerem as eleições”, sintetiza.

As campanhas negativas existem em contraposição às positivas. A negatividade acentua-se na segunda fase de uma batalha política, assumindo, à medida da proximidade da ida às urnas, uma crescente agressividade.

Mas nem sempre é assim. Existe uma primeira fase de bonança na forma como o candidato se relaciona com os eleitores e a sociedade. “A campanha positiva é aquela durante a qual o político apresenta o seu programa, está apenas centrada no que o político quer fazer”, refere.

“As mensagens positivas aparecem quando os políticos têm necessidade de se fazerem conhecer”, sublinha o psicólogo. Assim, nesta perspectiva, uma campanha eleitoral resulta da combinação de dois

momentos distintos: apresentação ao eleitorado e ataque agressivo ao adversário. “É importante saber como utilizar os dois conceitos de campanha positiva e negativa, pois o recurso extemporâneo à segunda pode ser prejudicial às aspirações do candidato”, observa.

Se o recurso às duas fases – positiva e negativa – da campanha eleitoral implica ponderação, o psicólogo Luigi Castelli não tem dúvidas quanto ao facto de ser de somenos importância o não cumprimento das promessas, ou seja, não tem consequências negativas para o incumpridor. Neste caso, o político.

“Para qualquer um de nós é muito fácil esquecer, razão pela qual são feitas tantas promessas”, comenta o investigador da Universidade de Pádua. Depois, a acção política não se fica num conjunto de promessas ou numa só. “Com o decorrer do tempo, uma promessa sobrepõe-se à anterior com facilidade”, afirma.

“O político sempre invoca as circunstâncias – aliás, um dos atributos

dos políticos é conseguir mudar a agenda e basta fazê-lo para se esfumar a promessa não cumprida”, admite. Com ironia, este perito concorda e considera ainda válidas as observações de Quinto Túlio, irmão mais novo de Cícero, sobre a forma de ganhar eleições: “Se faltares a uma promessa, as consequências são incertas e o número de pessoas afectadas é reduzido.”

Era assim no ano 64 antes de Cristo. E, para o psicólogo italiano, foi assim nos anos 90 do século passado: “Os Estados Unidos viviam momentos de dificuldades económicas e George Bush estava em dificuldades nas sondagens, mas, depois de ele declarar guerra ao Iraque na sequência da invasão do Kuwait, a avaliação dos seus actos passou a estar centrada na política externa, a questão económica deixou de ser relevante.”

Foi a combinação, conclui, de uma promessa não cumprida – a resolução de problemas económicos –, com uma nova circunstância, a guerra.





BRUNO LISITA

**A campanha negativa extemporânea pode ser prejudicial**

## PaF aumenta vantagem sobre o PS

Nuno Ribeiro

**A** coligação Portugal à Frente (PaF), constituída pelo PSD e CDS, obtém a maior vantagem de sempre, de 5,9 pontos percentuais, sobre o PS, na projecção, com distribuição de indecisos, no inquérito da Intercampus para o PÚBLICO, TVI e TSF. No estudo, cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 24 e 27 de Setembro e no qual foram entrevistados 1025 indivíduos, a projecção das pessoas que afirmam não saber em quem votam ou que se recusam a responder é de 21,4%.

O PaF de Passos Coelho e Paulo Portas consegue 37,9%, o que significa uma descida de duas décimas face ao inquérito da véspera, enquanto os socialistas de António Costa obtêm 32,1%, o que representa uma queda de 0,9 pontos. A Coligação Democrática Unitária (CDU), integrada pelo PCP e Os Verdes, alcança 9,1%, uma décima mais do que no anterior inquérito. Por seu lado, o Bloco de Esquerda, com uma subida de 0,8 pontos, arrecada 7,5%, o melhor resultado desde o início da publicação destes estudos, a 21 de Setembro. Os outros partidos passam a ter a preferência de 3,9% dos inquiridos, enquanto os votos brancos e nulos também caem 0,3 pontos (9,4%).

Por distribuição etária e entre as duas principais forças concorrentes às eleições de 4 de Outubro, o PaF está à frente em todos os três escalões considerados – ou seja, dos 18 aos 34, dos 35 aos 54, e dos 55 e mais anos. Por regiões, mantém-se a liderança da coligação de Passos e Portas no Norte, centro, Lisboa e Algarve. Por seu lado, os socialistas de Costa continuam à frente no Alentejo.

Entre as forças sem representação parlamentar, o Partido Democrático Republicano de Marinho e Pinto continua a liderar, agora com 0,7%, empatado com o PAN (Pessoas, Animais, Natureza). Seguem-se o Livre/Tempo de Avançar e o Partido Nacional Renovador, ambos com 0,5%. São, apenas, dados indicativos, dada a dimensão restrita do universo.

O RESULTADO DAS ELEIÇÕES PODE VIR A SER DECIDIDO PELOS INDECISOS. NÃO É UM CONTRA-SENSO?



ORA, PORTUGAL É FEITO DE CONTRA-SENSOS. MAIS UM, MENOS UM, TAMBÉM NÃO HÁ-DE FAZER GRANDE DIFERENÇA...

## Uma pergunta por dia

Porque não se alterou o sistema partidário português, como na Grécia ou Espanha?

**O** anunciado colapso do actual sistema partidário, entre a punição e o forte sentimento antipartidos, era o desafio destes quatro anos de estabilidade austera. A pergunta mais repetida dos últimos anos pelos observadores estrangeiros da democracia portuguesa é porque é que em Portugal não surgiram Podemos, Cidadãos, Syriza ou Frente Nacional.

A pergunta é pertinente. De facto, quando olhamos para o peso eleitoral dos principais partidos de governo em Portugal (PSD-PP-PS), Espanha (PP-PSOE), para não falar na Grécia, Portugal acompanha algum declínio, mas ainda de longe. Há um factor sobre o qual não vale a pena insistir: a sociedade deseja-os, mas o sistema eleitoral e os grandes partidos não deixam. Sem um sistema de duas voltas, ou com limites de 5% para ter representação no Parlamento, em Portugal os novos, mesmo com poucos eleitores, irrompem com facilidade em S. Bento. E, na verdade, sobretudo à esquerda, eles irromperam. Apesar de o PCP ser uma escora poderosa, o Bloco de Esquerda anda de saúde já há longos anos

e oferta nas suas laterais não falta. Mais interessante é o “congelamento” da representação política da direita nos últimos 40 anos.

A sequência política é também importante. Ironicamente, o facto de ter sido uma coligação PSD/CDS-PP a realizar o fundamental do programa de austeridade pode ter sido um factor de sobrevivência do actual sistema partidário perante a crise. Imaginemos

o Partido Socialista (como aconteceu a outros) protagonista no poder do programa da *troika* durante estes últimos quatro anos. Onde é que ele estaria a no final desta semana? Há também factores de oportunidade política: espaço para Marinho e Pinto, por exemplo, existe, mas também pode ser desbaratado.

Finalmente, há um factor em que tenho insistido, ainda que não o consiga fundamentar. É verdade que, como lembrava recentemente um colega nosso, Alexandre Afonso, Portugal tem uma taxa de eleitores alienados da política bem maior do que muitas outras democracias europeias, mas com iguais níveis de desconfiança nos políticos. Se eleitores descontentes, mas politizados, votam em partidos de protesto, os descontentes apáticos saem de jogo. Quando os grandes se agumentam, o desafio é ir escarafunchar esses 40% dos nossos compatriotas, o que é não é tarefa fácil.

**António Costa Pinto**  
Professor no Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

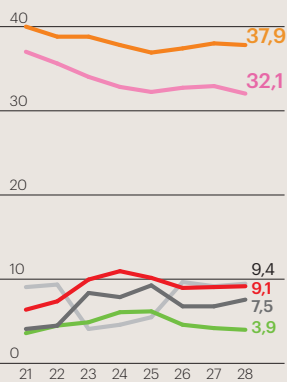
## Tracking poll diária

### As intenções de voto

Mês de Setembro (percentagem)

50

PSD/CDS-PP PSD  
CDU BE  
Outros partidos Brancos/Nulos



### FICHA TÉCNICA

Sondagem realizada pela Intercampus para TVI, PÚBLICO e TSF com o objectivo de conhecer a opinião dos portugueses sobre diversos temas da política nacional incluindo a intenção de voto para as próximas eleições legislativas de 2015. O universo é constituído pela população portuguesa, com 18 e mais anos de idade, eleitoralmente recenseada, residente em Portugal continental. A amostra é constituída por 1025 entrevistas, recolhidas através de entrevista telefónica, através do sistema CATI (Computer Assisted Telephone Interviewing). Os lares foram seleccionados aleatoriamente a partir de uma matriz de estratificação que compreende a Região (NUTS II). Os respondentes foram seleccionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruzou as variáveis Sexo e Idade (3 grupos). Os trabalhos de campo decorreram entre 24 e 27 de Setembro de 2015. O erro máximo de amostragem deste estudo, para um intervalo de confiança de 95%, é de  $\pm 3,1\%$ . A taxa de resposta obtida neste estudo foi de: 58,3%.

Fonte: Intercampus

PÚBLICO





# Barreiro, entre a espada de Lisboa e a parede dos lugares-comuns

“Concelho industrial” da Margem Sul tem perdido fábricas e operários. E desde 1995 que o “bastião comunista” dá a vitória ao PS nas legislativas

**Reportagem**  
**Alexandre Martins**

Já passa das onze da noite e o Largo do Casal, no Barreiro, estremece ao ritmo dos PISTA, uma das inúmeras bandas desta cidade que faz do *underground* o seu *mainstream*. Os pés batem no chão, as cabeças dizem que não quando as guitarras balançam, e depois dizem que sim quando a bateria investe, furiosa, contra os sentidos dos poucos mas bons que saíram de casa nesta noite de sexta-feira.

Não encham o pequeno largo, mas chegam para esconder a nova e elegante placa que o apresenta a moradores e visitantes, igual a tantas outras espalhadas por cidades como Lisboa ou Porto, mas única no tipo de informação turística que transmite: “18 de Janeiro de 1934. No seguimento das acções de protesto um pouco por todo o país contra a fascização dos sindicatos imposta por lei, pelas 20h40 desse dia deflagra uma bomba na praça, um dos principais pontos de encontro daquela época.”

O concerto foi organizado pela CDU, há bandeiras por todo o lado e apelos ao voto “na luta”, mas o ambiente é muito mais descontraído do que nos pedaços de campanha que chegam através da televisão por esse país fora. Horas antes, o coordenador do Bloco de Esquerda no Barreiro, André Antunes, despedira-se de uma conversa com um “talvez nos encontremos por lá”, e o líder do PS no concelho, André Pinotes Batista, segura um copo de cerveja com os dentes

enquanto tira fotografias por trás do palco, à porta da sociedade Os Penicheiros, exibindo sem complexos, no peito, um vistoso crachá do partido da mãozinha. “É que eu gosto muito destes gajos”, e lá vai ele ter com os amigos que convenceu a não irem esta noite para Lisboa.

Os dois Andrés fazem parte de uma nova geração de líderes concelhios, a que se junta o novo representante do CDS-PP, Jorge Miguel Teixeira. O bloquista André Antunes tem 27 anos, o socialista André Pinotes Batista tem 31 e Teixeira apenas 21.

“Eu fiz teatro amador e contracenei com o coordenador do Bloco de Esquerda”, conta o líder do CDS-PP, que já tinha

**A apanhar os cacós da hemorragia do encerramento das fábricas, o Barreiro tem lutado para fixar as gerações mais jovens — já lhes dá música, mas precisa de postos de trabalho. A nova esperança é o terminal de contentores**

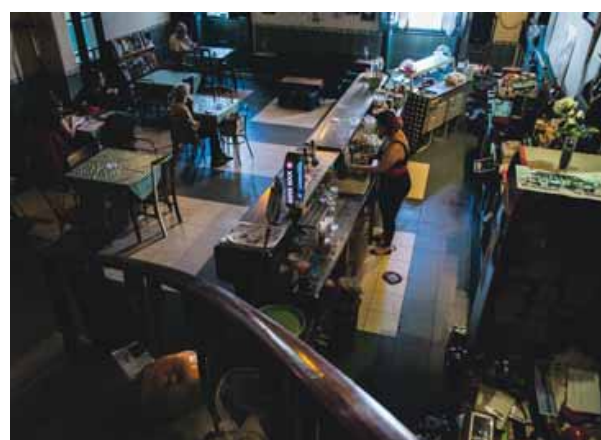
servido de ponte para um contacto com o seu amigo bloquista: “Ele está sempre *online*.”

Todos eles reconhecem que o Barreiro tem uma dinâmica cultural significativa, mas o que se discute é a influência da câmara da CDU nessa dinâmica. E há um momento em que a discussão bate numa parede: o que para uns é defeito, para outros é feito.

“Todas estas associações surgem porque há um grupo de pessoas que se junta e resolve organizar estas coisas, não é porque a câmara esteja a fomentar isto constantemente. Há um discurso de fomento, mas o discurso só por si não faz nada”, afirma Jorge Miguel Teixeira.

O amigo e parceiro de palcos de teatro André Antunes, do Bloco de Esquerda, tem a mesma opinião. “Não considero que haja uma postura pró-activa. Eu estou presente no teatro amador e noto muito isso. Quando se começa, o caminho é feito por nós, sozinhos. Depois, quando se ganha algum tipo de consistência e visibilidade, começa a haver apoio da câmara. Para mim, isso é pouco.”

Mais tarde, no bar dos Penicheiros, enquanto os PISTA ainda afinavam as guitarras, o presidente da Assembleia Municipal do Barreiro, Frederico Pereira, respondia em nome da câmara municipal e do passado associativo da cidade: “Isso está muito enraizado no Barreiro. A participação das pessoas é uma questão essencial. Temos um movimento associativo muito rico, movimentos que se criam quase espontaneamente. O que nós tentamos fazer é a integração



**O estúdio King, na Rua da CUF, e a sociedade Os Penicheiros, no Largo do Casal, são exemplos da vida associativa do Barreiro**

e a participação das pessoas. As pessoas participam, têm projectos, e no fundo quase não se nota quem é o pai da criança. Isso é uma característica do Barreiro.”



## Comício Público

Um blogue feito por dez políticos que vivem e acompanham por dentro o dia-a-dia da campanha eleitoral. Entre também e contribua para o debate de ideias!

[www.publico.pt/legislativas2015](http://www.publico.pt/legislativas2015)

FOTOS: PATRÍCIA MARTINS

é que se passa aqui”, diz Carlos Ramos.

Ainda a apanhar os cacos da hemorragia causada pelo encerramento da maioria das fábricas, o Barreiro tem travado uma luta para fixar as gerações mais jovens – já lhes dá música, e muita, mas precisa de postos de trabalho. A nova esperança é o terminal de contentores, que ainda está longe de ser uma certeza.

Bruno Vitorino é o líder do PSD no Barreiro, vereador do Ambiente e deputado na Assembleia da República. Tem 41 anos e trava a sua própria luta desde a adolescência, repetindo sempre que pode a crítica à “visão ideológica” da CDU sobre a cidade. “Não podemos estar a reinvestir e a revitalizar a baía do Tejo e ter investidores e empresários a entrar pela Avenidas das Nacionalizações”, ironiza. Quase todos concordam que a hipótese de um terminal de contentores no Barreiro é essencial para a revitalização da cidade, e Bruno Vitorino até admite que a câmara está a fazer o seu papel em conjunto com o Governo, mas reclama um olhar “mais económico e menos ideológico”, que inclui também a aposta na cultura que, considera, “tem vindo a definir”.

Na sede de campanha do PS, mesmo em frente do edifício da Câmara do Barreiro, como que a deitar a língua de fora ao poder da CDU, André Pinotes Batista acaba de beber um café e começa a disparar ideias a um ritmo que não fica atrás do concerto na praça onde deflagrou uma bomba “contra a fascização dos sindicatos imposta por lei”.

“Quem nos vê de fora rapidamente se agarra a este arquétipo de terra comunista e industrial. Do ponto de vista doutrinal, o Partido Comunista tem todo o interesse em continuar a alimentar esta história do bastião”, diz o líder do PS no concelho, recordando que os socialistas têm recolhido mais votos no Barreiro nas eleições legislativas desde 1995.

Ainda assim, deixa um recado em jeito de convite a quem continua a olhar para o Barreiro como um enorme lugar-comum: “Não me lembro de ter trazido cá pessoas que não tenham ficado espantadas.”

## Poesia com o Douro ao fundo e aposta ganha em Gondomar

### Reportagem Maria Lopes

Os dois poemas foram escolhidos entre uma selecção feita por Jerónimo de Sousa há alguns anos para um livro editado pelo PÚBLICO e ontem voltou a ouvi-los sob um sol de Verão outonal, com o Douro aos pés e o travo de um cigarro escondido entre os dedos a fazer conchinha. É possível que o seu gosto por *O operário em construção* de Vinicius de Moraes, que erguia casas e que tudo fazia seja porque se lembra de si próprio. A segunda escolha recaiu sobre Manuel da Fonseca e *Mataram a tuna*.

Ontem a CDU virou a agulha para a cultura. Jerónimo de Sousa esteve na cooperativa artística *Árvore*, acompanhado por algumas dezenas de personalidades portuenses ligadas às artes, como o grafiter Manuel Januário, a arquitecta Cecília Cavaca, o encenador Pedro Estorinho (que declamou os poemas), o maestro José Luís Borges Coelho, o artista plástico Armando Alves, ou o presidente do Centro de Linguística da Universidade do Porto, João Veloso. A *Árvore* é um símbolo da resistência de esquerda – as instalações foram destruídas à bomba a 7 de Janeiro de 1976 –, um local de arte, cultura, democracia e liberdade, como descreveu o ex-deputado comunista Honório Novo que fez as honras da casa.

No arranque do discurso, a voz de Jerónimo estava um pouco embargada. “A vossa presença, quem sois, toca-me profundamente tendo em conta a minha origem social, e sempre, mas sempre, percebi que os intelectuais, os homens da ciência e da técnica eram parte inseparável do futuro por que lutamos.” Depois, criticou o desinteresse do actual Governo pela cultura e a ciência – só o apoio às artes foi reduzido em 75% – e avançou com algumas propostas da CDU: criar o Ministério da Cultura; dotar o sector de 1% do orçamento do

Estado em 2016 e em 2019 de 1% do PIB; criar um programa nacional de emergência do património cultural; criar um programa de apoio à criação literária; duplicar as verbas para a ciência; acabar com as propinas no ensino superior.

Depois da cultura, a rua. A aposta foi arriscada, mas ganha. Gondomar é um concelho socialista, mas na União das Freguesias de Fânzeres e São Pedro da Cova, há um reduto comunista a crescer e isso viu-se nas cerca de 300 pessoas que desfilaram no centro de Gondomar. A CDU chegou em 2013 ao segundo lugar na freguesia, muito por causa das lutas dos homens das minas de carvão, que fecharam em 1970. Tinham uma vida desgraçada, onde pontuavam a fome e a doença. Como a do avô de Ana Vieira, uma desempregada “fantasma” – está inscrita no centro de emprego, mas a câmara de Gondomar contratou-a através de uma bolsa – que veio à arruada com a mãe e o filho de seis anos. O avô era activista nas minas e esteve preso no Porto, pela Pide. A semente do comunismo cresce em São Pedro da Cova.

### CONTA KM

Partida: Évora

3015 km

**Acontecimento do dia:**  
Depois de uma passagem cultural pelo Porto, a CDU fez a sua primeira arruada em Gondomar - entre as ruas 5 de Outubro e 25 de Abril - e arregimentou militantes em S. Pedro da Cova

Chegada: Santa Maria da Feira

3453 km



Quem olha para o Barreiro de fora a primeira coisa que vê é uma série de lugares-comuns, com as fábricas e o bastião comunista no topo da lista. É aquele sítio que fica do outro lado do rio, lá para os lados de Almada, do Seixal, ou de qualquer outro sítio com nome de cidade do outro lado do rio.

Um dos que resistem ao poderoso íman lisboeta é Carlos Ramos, Nick para os amigos, uma espécie de canivete suíço da vida cultural barreirense e literalmente um homem dos sete instrumentos. É presidente de uma associação cultural, gere um estúdio de gravação e sala de ensaios, organiza o festival Barreiro Rocks, e já tocou mais instrumentos em mais bandas do que este parágrafo aguentaria nomear se lido de um só fôlego.

É no discreto n.º 8 da Rua da CUF, no coração da herança fabril, que Nick e amigos passam grande parte do tempo. Só

no sábado ensaiaram lá sete bandas, entre as onze da manhã e as seis da tarde, num pequeno estúdio forjado pelas *rock stars* do Barreiro e forrado com lendas do rock mundial como Elvis ou Hendrix. O pretexto foi o arranque do terceiro ano do Programa Jovens Músicos, mas “de repente há um minifestival a acontecer”.

Quem chega ao Barreiro de dia, às esplanadas do Parque Catarina Eufémia, guardado pela estátua de Alfredo da Silva (do grupo CUF), tropeça em cartazes de promoção a concertos, peças de teatro, exposições ou *workshops* para todos os gostos. Mas chega a noite, e não se tropeça em público. “É dado aceite que tu estudas, acabas de estudar, e mesmo que fiques a viver no Barreiro, vais trabalhar para Lisboa e regressas ao fim do dia. E quando chega o fim-de-semana, provavelmente nem sabes o que



## PaF e o fantasma da coligação de esquerda

**Reportagem**  
Sofia Rodrigues

**Coligação PSD-CDS não quer sequer pensar numa derrota, mas anda às voltas com os cenários pós-eleitorais**

**N**a campanha da coligação PSD-CDS, os últimos dias têm sido marcados pelos avisos contra um possível bloqueio de António Costa a uma eventual maioria à direita. É que nos próximos tempos não é possível convocar novas eleições legislativas, o que obriga a encontrar uma solução de governo no quadro parlamentar eleito a 4 de Outubro. E na PaF há quem admita que o líder do PS se prepara para oferecer uma solução de governabilidade com o PCP e assim ultrapassar a coligação em número de mandatos de deputados.

Na aliança PSD-CDS, a linha oficial é a de não fazer cenários de derrota. Mas o *day after* preocupa muita gente. Passos Coelho já admitiu que o Presidente da República deve chamar a formar governo a força que tiver mais deputados eleitos. Mas sem a maioria absoluta, António Costa já anunciou o voto contra o Orçamento e que votará (segundo foi noticiado e não desmentido) uma moção de rejeição ao programa de governo.

A aprovação dessa moção exige uma maioria absoluta de deputados, o que obrigaria a juntar toda a esquerda. Mas isso nem sempre é possível, como foi o caso do primeiro Governo minoritário de António Guterres, que tinha o apoio de 115 deputados contra 115 parlamentares de toda a oposição.

Caso o programa de governo seja rejeitado, o executivo cai, mas não há novas eleições, porque se está a menos de seis meses das presidenciais (Janeiro de 2016). Depois há mais seis meses do início da legislatura em que o Parlamento não pode ser dissolvido. Nestas situações, o Presidente tem sempre de encontrar uma solução no



**A coligação cantou os parabéns a Assunção Cristas**

quadro parlamentar.

Na coligação, há quem admita que, se a maioria absoluta não for conseguida já no próximo domingo, António Costa pode propor a Cavaco Silva uma solução de governabilidade com os

### CONTA KM

Partida: **Braga**

# 2700km

### Acontecimento do dia:

**Passos Coelho e Paulo Portas suavizaram o discurso contra o líder do PS para tentarem seduzir os indecisos, num dia de campanha de visitas a empresas e instituições. Sem rua.**

Chegada: **Caldas da Rainha**

# 3080km

comunistas. Esse cenário – assim como o de um entendimento com o Bloco – tem sido colocado abertamente por dirigentes da coligação.

Num jantar-comício em Guimarães, no domingo, Jorge Moreira da Silva, vice-presidente do PSD, atirou a pergunta: “Estão a ver o vice-primeiro-ministro Jerónimo de Sousa meter-se num avião e reunir-se com o vice-presidente Joe Biden a pedir investimento para Portugal?” Pergunta idêntica foi lançada sobre Catarina Martins, dirigente do Bloco, mas na coligação acredita-se que esta hipótese é menos provável.

Apesar de o cenário de aliança com o PCP ser admitido, há quem chame a atenção para a falta de legitimidade de António Costa nessa “insólita” circunstância. “Pode ter a legalidade, mas não a legitimidade política”, afirmou ao PÚBLICO uma fonte da maioria. No pós-legislativas coloca-se ainda outra questão: a das eleições presidenciais. E aí, lembra a mesma fonte, o líder do PS terá de gerir Sampaio da Nóvoa e Maria de Belém.

No cenário de derrota da coligação, a aliança eleitoral que foi firmada entre Paulo Portas e Passos Coelho para apoiar um governo PSD-CDS deixa de fazer sentido. Os partidos voltam a ter duas bancadas parlamentares completamente autónomas e sem qualquer compromisso entre elas – mas há uma diferença. É que os deputados do PSD comprometeram-se por escrito a renunciar ao mandato no caso de “existir uma persistente divergência entre as orientações gerais do grupo parlamentar e a sua posição individual”. Só têm liberdade de voto em questões de consciência. Já os candidatos do CDS não assinaram nenhum compromisso.

A menos de uma semana das eleições, Passos Coelho e Paulo Portas deram tréguas nos ataques ao PS. Na coligação acredita-se que é a moderação no discurso que pode seduzir muitos indecisos nesta recta final. Esse foi o tom das intervenções de ontem, mesmo a de Paulo Portas, que era o franco-atirador contra Costa. Agora só pedem estabilidade para governar.

## O método socrático



**Câmara oculta**  
Nuno Ribeiro

**S**osseguem. Não tem nada que ver. É uma forma de chegar ao conhecimento. O discípulo Platão é o responsável pela sua divulgação, pois o mestre Sócrates, filósofo grego do século V antes de Cristo, nada deixou escrito.

Esclarecida a questão, fica a substância. Entramos no território da maiêutica, ou seja, induzir alguém pelo seu raciocínio ao conhecimento ou à solução de uma dúvida – o que tem tudo que ver com uma campanha eleitoral.

Na última semana da propaganda joga-se no tudo ou nada. Os recursos dialécticos são escassos para tamanha tarefa. Pôr os eleitores a pensar não seria má solução para afinar a malha dos critérios e fundamentar opções.

Suscitar uma questão através de perguntas não é muito comum. O Bloco de Esquerda fá-lo regularmente. “A culpa da crise é de quem recebe 700 euros?”, perguntam no seu tempo de antena oficial, que passa na televisão pública.

Nem todas as perguntas – e muitas se fazem em campanha – buscam o conhecimento. Num comício, cujas imagens apareceram no tempo de antena, o PCTP/MRPP questionou: “Porque é que a comunicação social não fala do PCTP/MRPP?” A resposta é porque a imprensa só fala dos partidos que estão no Parlamento: “Por isso, há que eleger deputados, quantos mais melhor.”

Neste caso, o que se pretende não é o conhecimento, mas a mobilização. Uma deriva do original método socrático.





## Tracking poll

O PÚBLICO, a TVI e a Intercampus divulgam ao longo da campanha, uma sondagem diária que irá mostrar a evolução da tendência de voto.

www.publico.pt/legislativas2015

# Simão abana a cauda e Bloco fala dos direitos dos animais

## Reportagem Maria João Lopes

**A**rruada do Bloco de Esquerda ontem em Coimbra não teve só bombos, beijinhos e críticas aos escândalos da banca. Também teve desilusão. No meio da confusão e do contacto rápido destes momentos, há uma pessoa que vai ter com a porta-voz para lhe dizer que ela é a única que “dignifica” o país, mas que não vai votar. Está desiludido. Catarina Martins pede-lhe: “Não deixe que a desilusão com quem o tratou mal

se transforme numa desilusão com a democracia.”

E já a arruada tinha acabado quando o *Simão* aparece a abanar a cauda. Catarina Martins baixa-se e faz festas ao cão. Os donos aproveitam para perguntar o que preconiza o Bloco sobre os direitos dos animais. Catarina Martins sublinha que defendem campanhas públicas de esterilização, de forma a acabar com os abates nos canis e gatis.

A candidata visitou ainda o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. E do director do serviço de Neurologia, Luís Cunha, recebeu não só uma rosa amarela, sem qualquer conotação

política, como esta confirmação: os indicadores são bons, os profissionais de saúde esforçam-se muito e “mereciam” ser tratados de outra forma.

No fim da visita, questionada sobre o relatório da Comissão Europeia segundo o qual Portugal tem margem para aumentar impostos sobre consumo e imóveis, Catarina Martins defendeu que “não é admissível” que a Comissão interfira na campanha. “Está a meter-se onde não devia”, disse, recordando que já o tinha feito quando desvalorizou o peso da operação do Novo Banco no défice. Para a candidata, “seria mais prudente”

que, até 4 de Outubro, a Comissão se abstivesse de “qualquer comentário ou de qualquer relatório” sobre o país.

O Bloco começou o dia na Escola de Hotelaria de Fátima, onde Catarina Martins defendeu, diante de uma plateia de jovens que o voto devia ser a partir dos 16 anos. Se com esta idade já podem trabalhar, se já têm responsabilidade criminal, também deviam poder exercer este direito, disse-lhes a candidata. E garantiu-lhes lutar por mais direitos no mercado laboral: “As gerações mais novas não podem ser a mão-de-obra de segunda do país e do resto da Europa.”

## CONTAKM

Partida: **Lisboa**

# 2024km

**Acontecimento do dia:** Catarina Martins voltou a acusar a Comissão Europeia de interferir nas eleições legislativas em Portugal e aconselhou-a a não apresentar mais relatórios até 4 de Outubro

Chegada: **Coimbra**

# 2259km



## Mais do que um ministério, António Costa defende “um Governo de cultura”

**Reportagem**  
Nuno Sá Lourenço

**Candidato do PS reuniu cerca de 200 agentes da cultura num almoço em Lisboa**

O PS reservou o primeiro dia da última semana da campanha para o encontro do líder com o mundo de cultura. Num restaurante à beira do rio Tejo, António Costa juntou-se ontem a cerca de 200 músicos, arquitectos, escultores e ensaístas para lhes pedir o apoio não só para a vitória, mas também “ao longo dos próximos aquatro anos”.

O apelo surgiu já depois de o socialista ter defendido a importância da cultura para o do país. “Mais importante que um ministério, é ter um Governo de cultura”, capaz de tratar “transversalmente” a matéria. “Ao Estado e ao Governo não cabe ter política de gosto. É obrigação do Estado contribuir para a criação de oportunidades para que todos tenham gosto pela cultura”, defendeu.

As palavras de Costa surgiram depois de a artista Joana Vasconcelos ter exigido um ministério para o sector e a assunção da cultura como a “primeira das prioridades”, depois das críticas ao actual Governo. Passos Coelho foi mais visado na intervenção do programador António Pinto Ribeiro, que denunciou a “barbárie cultural” em curso. Por seu turno, a responsável pela Fundação Saramago preferiu explicar por que apoiava Costa. Era pelo “factor humano”, porque até havia “boas alternativas na esquerda”. Participaram no almoço os fadistas Carlos do Carmo e Camané, o actor Diogo Infante, o musicólogo e ex-governante Rui Vieira Nery ou a escritora Alice Vieira.

A campanha do líder do PS só



António Costa afirmou que o estado não deve ter uma política de gosto

### CONTA KM

Partida: **Barcelos**

**2830** km

**Acontecimento do dia:**  
António Costa conseguiu ontem reunir cerca de 200 personalidades da área da cultura que assumiram apoiar o PS nestas legislativas

Chegada: **Lisboa**

**3223** km

teve ontem mais uma iniciativa. Costa foi até aos Açores para um comício em Ponta Delgada. Em vez de tentar alimentar a dinâmica de adesão que se viu anteontem no distrito de Braga, o PS optou por um compasso de espera. Uma situação que se deverá alterar já hoje com as iniciativas nos distritos de Setúbal e Lisboa. Costa vai discursar em Setúbal e sair à rua no Barreiro. O distrito da histórica cintura vermelha da capital será determinante para o resultado destas eleições. Setúbal elege 17 deputados. Em 2011, o PS empatou em mandatos (7) com o PSD. A expectativa do PS é que a candidatura de Maria Luís Albuquerque jogue contra a coligação. Mais importante ainda são os 47 lugares em disputa na capital. Esta tarde, Costa repete uma tradicional saída à rua na Morais Soares e encerra com um comício na FIL. A intenção é fazer reverter a relação de forças no

distrito que dá 25 mandatos à direita contra os 14 do PS.

Mas para isso acontecer, será necessário evitar os tropeções numa campanha onde todos os dias há algo que escapa ao previsto. Das cerca de 200 pessoas anunciadas para o almoço houve quem não aparecesse. E depois, há aquelas situações completamente fora da caixa, como a protagonizada pelo realizador António Pedro Vasconcelos. Poucos antes de Costa chegar, o cineasta apareceu em alta velocidade, conduzindo o seu Jaguar pelo passeio pedonal que separa o restaurante do Tejo. A situação piorou quando Vasconcelos se viu travado por dois jornalistas da RTP que aproveitavam o cenário para fazer um directo. O realizador não encontrou melhor local para esperar a não ser, precisamente, ao lado do jornalista, que lá fez o directo com um automóvel a carburar a escassos centímetros.

## O letão no cartaz da coligação



**Apanhados na rede**  
Pedro Guerreiro

Já tivemos funcionários de juntas de freguesia, modelos de bancos de imagens e agora até um incauto vice-presidente da Comissão Europeia aparece na campanha a contragosto. Valdis Dombrovskis veio ontem negar qualquer “intromissão” a poucos dias das eleições legislativas, depois de o PS e o Bloco de Esquerda terem acusado o responsável pela pasta do euro de, nas palavras de Catarina Martins, ter entrado na campanha eleitoral. Em causa as declarações proferidas por Dombrovskis no dia 24, quando afirmou que a intervenção no Novo Banco “não tem consequências no défice e na dívida de 2015 nem no esforço estrutural de 2014 e 2015”. A porta-voz do Bloco reagiu: “É verdadeiramente inaceitável



que assim seja. A Comissão Europeia vem dizer que quando é para dar mais dinheiro à

finança pode ser sempre. Quando é para as pensões, para os salários, para a saúde, para a educação, aí nenhuma décima do défice podia resvalar”. O PS reagiu com uma pergunta dos seus eurodeputados à Comissão Juncker. Ontem, Dombrovskis veio negar a sugestão de que a declaração visava apoiar o Governo. “Esta declaração referia-se apenas a factos e, de nenhuma forma deve ser interpretada como sendo qualquer outra coisa”, respondia através do porta-voz Margaritis Schinas.

Aceite-se. Mas talvez seja o momento de o Facebook da coligação apagar a imagem do letão, ao lado da declaração polémica, que surge entre imagens de cartazes e de acções de rua do PSD/CDS, confundindo-se com os restantes materiais de campanha.

## Livre/Tempo de Avançar teme que saúde pública atinja “ponto crítico”

O cabeça de lista por Lisboa do Livre/Tempo de Avançar considera que a continuação das políticas da direita aproximará a saúde pública de “um ponto crítico” a partir do qual não será possível recuperar a sua qualidade. “As políticas de austeridade serviram para segmentar muito os serviços públicos, que começaram a dar respostas muito desconformes e descontínuas e, portanto, a fazer com que algumas camadas da população se dirigissem para os serviços privados”, afirmou Rui Tavares à Lusa, no final de uma visita



Rui Tavares

que fez com Ana Drago ao centro de saúde de Mangualde.

Rui Tavares lamentou que muitas vezes isso aconteça “com o apoio do próprio Estado, como na ligação da ADSE à saúde privada”. “À medida que o serviço público não dá tanta resposta, há um benefício indirecto ao sistema privado”, acrescentou.

Na sua opinião, há “uma espécie de reciclagem de desresponsabilizações”, em que “o Estado se desresponsabiliza, há mais gente que vai para o privado”, mas este, “nas coisas mais complicadas e menos lucrativas, não se mete e reenvia para o público”.

## PCTP/MRPP quer reformas com valor de salário mínimo

O cabeça de lista do PCTP/MRPP por Lisboa às legislativas, Garcia Pereira, defendeu ontem que nenhuma pensão de reforma deve ser inferior ao salário mínimo nacional, vencimento que terá de ser elevado para 555 euros. Numa acção de campanha em Campo de Ourique, Lisboa, Garcia Pereira afirmou aos jornalistas que “a devolução imediata de todos os cortes efectuados nas pensões desde 2011” e “a elevação de todas as reformas com valores inferiores ao salário mínimo para o valor do salário mínimo, que deve ser de 555 euros”, são as primeiras

medidas que vai defender, caso seja eleito deputado.

O candidato adiantou, citado pela Lusa, que uma “outra medida igualmente urgente” que deve ser tomada está relacionada com o pagamento do rendimento social de inserção (RSI), que deve ter como base um indexante de 300 euros, podendo ser elevado nos casos de casais em que um dos membros está desempregado e tendo em conta o número de filhos. “É muito importante meter na Assembleia da República uma voz livre. A imagem de marca do PCTP/MRPP é que sempre dizemos a verdade”, disse Garcia Pereira aos reformados.





## Biografias ao dispor de leitores eleitores

### São José Almeida

**Em tempo de eleições as editoras apostam nos livros sobre candidatos a primeiro-ministro. Passos tem um, Costa dois**

As legislativas de 4 de Outubro disputam-se também editorialmente e, se há dois candidatos a primeiro-ministro, os leitores têm oferta livreira para ajudar a formar a sua opinião como eleitores. Assim, depois de em Maio ter sido lançada a biografia de Pedro Passos Coelho, em Julho e em Setembro saíram duas obras de pendor biográfico sobre António Costa.

No caso do actual primeiro-ministro, líder do PSD e da coligação Portugal à Frente, a obra *Somos o Que Escolhemos Ser*, editada pela Alétheia Editores, da autoria de Sofia Aureliano, é um livro não só autorizado, mas que conta com a colaboração do próprio Passos Coelho com a autora, que é uma assessora do PSD.

Já os livros sobre António Costa são ambos não autorizados e o líder do PS recusou-se a colaborar com quem em *António Costa. Os Meios e os Fins do Líder Socialista*, da autoria dos jornalistas Miguel Marujo e Octávio Lousada de Oliveira, editado da Matéria-Prima Edições, quer do *Quem Disse Que Era Fácil? Os Caminhos de António Costa para Chegar ao Poder*, da autoria dos jornalistas Bernardo Ferrão e Cristina Figueiredo, editado pela Leya.

Outra característica comum às duas obras sobre António Costa é o facto de a ideia de ambos os projectos ter partido das editoras. A Matéria-Prima Edições convidou Miguel Marujo e Octávio Lousada de Oliveira a escreverem sobre Costa, enquanto a Leya desafiou Bernardo Ferrão e Cristina Figueiredo a fazê-lo.

O facto de António Costa não ter colaborado com os autores quer de um, quer de outro livro condicio-

**As obras foram editadas pelas Alétheia, Matéria-Prima e Leya**



nou o tipo de obra. Miguel Marujo assume, em declarações ao PÚBLICO, que a opção foi “contornar o problema recorrendo apenas a outros tipos de fontes, livros, textos, outros depoimentos e o projecto evoluiu em função disso”.

A obra final é o resultado dessas circunstâncias e não é por isso uma biografia, explica Miguel Marujo, precisando: “A certa altura, o que nos interessou mais foi escrever sobre como pensava, como actuava, do que uma sucessão de casos e de episódios sobre a vida de António Costa.” Miguel Marujo sublinha ainda que a preocupação foi que “as pessoas percebessem como pensa e age um político que se candidata a primeiro-ministro”.

Já Cristina Figueiredo explica ao PÚBLICO que a recusa de António Costa em colaborar, por um lado, adiou a finalização da obra e, por outro lado, alterou o tipo de produto final. “Recebemos o convite da editora em Dezembro e a ideia era estar pronto no início do Verão”, conta Cristina Figueiredo, que explica que ela e Bernardo Ferrão tentaram falar com Costa para serem autorizados “a consultar os processos escolares” e recolherem informações na primeira pessoa.

“Só em Fevereiro respondeu que não colaborava e que diria a quem lhe perguntasse para não o fazer”, relata Cristina Figueiredo. Perante o “não” de Costa, Cristina Figueiredo e Bernardo Ferrão tiveram de “reequacionar o projecto” e fixaram-se “no percurso político”.

Bernardo Ferrão e Cristina Figueiredo recolheram depoimentos exclusivos de outras personalidades do PS sobre António Costa, como é o caso de António Guterres, Jorge Sampaio, António Vitorino, Manuel Alegre, Vera Jardim, mas também de personalidades de outras áreas políticas como Marcelo Rebelo de Sousa, Marques Mendes, Paulo Portas, Ruben de Carvalho ou António Filipe.

O livro de Bernardo Ferrão e Cristina Figueiredo conta ainda com dois prefácios, da autoria de Pacheco Pereira e de Lobo Xavier, que com António Costa participaram no programa da SIC-Notícias Quadratura do Circulo.

## Isso está no programa?

O PÚBLICO comparou os programas eleitorais e seleccionou algumas medidas que interessam a 10 perfis diferentes de eleitores

### Precários

#### PSD/CDS

Privilegiar a promoção de emprego permanente e de qualidade, valorizando-o através de discriminação positiva e majorações dos apoios prestados pelas políticas públicas.

#### PS

Limitação do regime de contrato com termo; agravar a contribuição para a Segurança Social das empresas que revelem excesso de rotatividade dos seus quadros; avaliar o regime de protecção no desemprego para trabalhadores independentes; limitar o uso pelo Estado de trabalho precário; criação do Estatuto do Artista; criar um complemento salarial anual, que constitui um crédito fiscal (“imposto negativo”), aplicável a todos os que durante um ano declarem rendimentos do trabalho à Segurança Social.

#### CDU

Revogação da norma do Código do Trabalho que discrimina os jovens à procura do primeiro emprego e os desempregados de longa duração, ao admitir que possam ser contratados a prazo para postos de trabalho permanentes; criação de um Programa Nacional de Combate à Precariedade e ao Trabalho Ilegal.

#### BE

Proibição das empresas de trabalho temporário; vinculação dos trabalhadores precários no Estado; duração máxima de um ano para os contratos a prazo, não renovável.

### Livre/Tempo de Avançar

Criação de um estatuto de protecção para os trabalhadores independentes; os estágios profissionais e contratos de emprego-inserção não podem ser utilizados pelas empresas e pela administração pública para satisfazer necessidades efectivas de emprego.

#### PAN

Imediata passagem ao quadro, com a assinatura de um contrato com vínculo permanente de todos os trabalhadores com vínculos precários na administração pública.

Paulo Pena

**LEGISLATIVAS 2015**

INQUÉRITO DIÁRIO

**PaF 37,9% PS 32,1%**

**CDU 9,1% BE 7,5%**

**COLIGAÇÃO  
ALARGA  
VANTAGEM**

**QUANDO SE  
APROXIMA  
A VOTAÇÃO,  
A CAMPANHA  
É MAIS AGRESSIVA**

**Destaque, 2 a 10**